

## V. OS DECRETOS DE DEUS

### Pergunta 7 - Que são os decretos de Deus?

**Resposta - Os decretos de Deus são o Seu eterno propósito, segundo o conselho da Sua vontade, pelo qual, para a Sua própria glória, Ele predestinou tudo o que acontece.**

### Pergunta 8 - Como executa Deus os Seus decretos?

**Resposta - Deus executa os Seus decretos nas obras da criação e da providência.**

A Bíblia nos ensina que Deus “fez todas as coisas para determinados fins” (Sl 16.4), e as fez “com sabedoria” (Sl 104.24). Ele sabiamente planejou a Criação e tudo o que haveria de acontecer. Planejou e determinou executar. Os teólogos dão a isso o nome de decreto divino. O decreto é um só, mas inclui muitas particularidades, daí dizer-se decretos divinos. Deus executa Seus decretos nas obras da Criação, da Providência e da Redenção, sendo esta última uma providência especial. Estas obras serão estudadas posteriormente, neste curso.

BASES BÍBLICAS PARA A DOCTRINA DOS DECRETOS DE DEUS		
Textos principais	Palavras e frases chaves	Os teólogos chamam de
Is 14.24-27 Is 37.26 Is 49.9-10 At 2.23 Ef 1.3-5,11	<i>pensei, determinei, desígnio, determinou dispus estas coisas e as faço executar conselho, vontade, propósito, executarei determinado desígnio e presciência de Deus nos escolheu, nos predestinou, conselho, vontade</i>	<b>Decreto</b>  <i>ou</i> <b>Decretos de Deus</b>
As difíceis doutrinas da <b>Eleição</b> e <b>Predestinação</b> serão estudadas posteriormente.		

## I. Características dos decretos divinos.

- Livres e soberanos. Deus estava só quando planejou e predeterminou todas as coisas. Ele não foi influenciado por nenhum outro ser. Soberano absoluto, podia criar ou não. (Jó 38.4 e contexto; Is 40.13.14; Rm 11.34).
- Eternos. Não somente porque antecedem à Criação, mas também porque estão, todos, eternamente presentes na mente de Deus (Ef 3.11; I Pe 1.19-20).
- Imutáveis. Deus não muda Seus planos (Pv 19.21). Ele os fez sabiamente e tem poder para executá-los. “Deus não quer uma coisa agora, para logo mais querer outra; mas aquilo que Ele quer, Ele o quer uma vez por todas e para sempre...” (Agostinho). Nem quando Seu próprio Filho orou: “Pai, se possível, passa de mim este cálice”, Deus mudou Seu plano. Então, o Filho, obediente, orou segunda vez: “Pai, se não é possível... faça-se a Tua vontade” (Mt 26.39,42). E Jesus foi “entregue pelo determinado desígnio de Deus” (At 2.23).
- Efícazes. O que Deus decretou acontecerá, certamente. Nada o pode impedir. (Jó 23.13; Is 14.24,27).
- Incondicionais. Os decretos de Deus não dependem, em nenhuma de suas particularidades, de qualquer coisa que lhes seja externa, como por exemplo, as ações livres dos homens (Jo 7.30 com Mt 26.45ss).
- Universais. Incluem a Criação (Sl 33.6-9), as boas ações dos homens (Ef 2.10), as más ações dos homens (At 4.27-28), a prosperidade e a adversidade (Ec 7.14), os fins e os meios (Sl 119.91), os acontecimentos contingentes, ditos “acidentais” (Mt 10.29-31), tudo.
- Sábios e bons. Deus tudo planejou e tudo executa com sabedoria. O resultado final é “muito bom” (Gn 1.31; Sl 104.24). Isto é verdade ainda quando Seus desígnios incluem o sofrimento (Sl 119.67,71; Rm 8.28; 11.33).

## 2. Decretos causativos e permissivos.

Os teólogos dividem os decretos divinos em quatro tipos: *causativos, permissivos, eletivos e preteritivos*. Estes dois últimos serão estudados mais tarde. Os **causativos** referem-se àquelas coisas que Deus mesmo executa: criação, preservação, redenção, mudanças no coração do homem (Sl 104.24-29;

119.91; Fl 2.13). Os **permissivos** referem-se àquelas coisas que Deus não executa, mas permite que seus agentes morais livres executem: queda dos anjos e dos homens, a atuação de Satanás e dos demônios, os atos pecaminosos dos homens. Por razões que escapam à nossa compreensão, Deus decretou não impedir estas coisas, mas somente controlar sua extensão e seus resultados (Gn 37.18-21, 24-28; 45.5; 50.20; At 2.22-24; 14.16).

### 3. Objeções à doutrina dos decretos de Deus.

Nenhuma outra doutrina tem sido mais calorosamente discutida do que esta. O maior debate têm sido sobre:

- a) A liberdade moral do homem. Se tudo o que acontece neste mundo foi determinado por Deus, que liberdade tem o homem para agir? A questão torna-se ainda mais séria quando observamos que, na Bíblia, o decreto divino inclui as ações más dos homens. A primeira coisa a observar é que Deus decretou, sim, os atos dos homens; não obstante, os faz livres e responsáveis por seus atos (Gn 50.20; Lc 22.22). A Bíblia não faz nenhuma tentativa para reconciliar estas duas verdades. Pode-se observar, porém, que Deus é o criador dos homens e das circunstâncias em que eles vivem. Os homens agem livremente sob circunstâncias dirigidas por Deus, e, mesmo sem o saberem, cumprem os decretos divinos (Gn 45.5; 50.20; At 4.27-28).
- b) A presença do pecado no mundo. Se Deus decretou o pecado, deve ser considerado autor do pecado. Todavia, isto não pode ser... (Tg 1.13). Basta lembrar aqui o que se disse acima sobre *decretos causativos* e *decretos permissivos*. Deus não causa o pecado; somente o permite, por razões que ignoramos.

### Avaliação.

Que são os decretos de Deus? Como Deus executa os Seus decretos? Cite duas passagens bíblicas que confirmam essa doutrina. Cite três palavras bíblicas que justificam a designação teológica: “decretos de Deus”. Cite quatro características dos decretos divinos. Qual é a **sua** reação pessoal ao saber que Deus planejou tudo o que acontece neste mundo. Que significam para você Dn 5.23 e Rm 8.28?

---

## LEITURA SUPLEMENTAR

### NOSSA ATITUDE PARA COM A SOBERANIA DE DEUS

As Escrituras não foram dadas para satisfazer nossa curiosidade, mas para edificar nossas vidas. O mesmo se pode dizer destes estudos.

Nesta mensagem, vamos refletir sobre algumas aplicações práticas das verdades aprendidas com o estudo sobre os **Decretos de Deus**. O destaque daquele estudo foi a doutrina da **Soberania de Deus**. Esta doutrina importante não é um princípio abstrato, cujo único propósito é explicar ou tentar explicar a razão última das coisas. Não. O estudo sobre a **Soberania de Deus** deve suscitar em nós um temor piedoso e ajudar-nos a viver uma vida justa e submissa a Deus.

#### 1. Atitude de piedoso temor.

Por que, em épocas diferentes, a grande maioria das pessoas mostra-se despreocupada acerca das realidades espirituais e eternas, e ama os bens e os prazeres da vida mais que a Deus? Por que o pecado corre desenfreado? Por que, mesmo entre os que se dizem cristãos, há tão pouca submissão a Deus, a Cristo e ao Espírito?

A resposta a todas estas indagações é uma só: “*Não há temor de Deus diante de seus olhos*” (Rm 3.18). O sábio Salomão escreveu: “*O temor do Senhor é o princípio da sabedoria*” (Pv 1.7). Esse *temor* não deve ser confundido com o medo servil que os pagãos têm dos seus deuses. Não. O *temor a Deus*, tantas vezes recomendado na Bíblia, é uma **atitude espiritual que leva Deus a sério**, que considera a Sua Palavra, e treme (Sl 2.11; Is 66.2; Fl 2.12).

### 3. Atitude de obediência implícita.

Este estudo sobre a soberania de Deus deve levar-nos ao reconhecimento da nossa pequenez e completa dependência de Deus. O resultado será uma vida de obediência. Esse é o antídoto divino contra a maldade ingênita do nosso coração. Orgulhosos e rebeldes que somos, por natureza, temos um forte senso de importância e grandeza pessoal, e costumamos ser auto-suficientes demais. O corretivo para isto é o reconhecimento da Soberania e Onipotência de Deus. O homem gloria-se em si mesmo ou em Deus, e vive para servir e agradar a si mesmo ou para servir e agradar a Deus. Ninguém pode servir a dois senhores (Mt 6.24).

Deus mandou Moisés dizer ao Faraó do Egito: “*Deixa ir o meu povo*”. O Faraó respondeu com orgulho: “*Quem é o Senhor para que Lhe ouça a voz e deixe ir Israel? Não conheço o Senhor, nem tão pouco deixarei ir a Israel*” (Êx 5.1-2). A rebeldia do Faraó resultou de sua ignorância quanto à majestade e à autoridade de Deus. E ele se deu mal por causa disto!

### 4. Atitude de humilde resignação.

O reconhecimento da Soberania de Deus exclui toda e qualquer murmuração. Somos propensos a pensar que nossos bens nos pertencem com exclusividade; que, uma vez levados avante os nossos planos, com diligência, temos o direito de esperar sucesso; que, se trabalharmos duro e acumularmos riquezas, merecemos conservá-las e desfrutá-las; que, se temos uma família feliz, nenhum poder tem o direito de penetrar o círculo encantado e abater a um dos nossos queridos. Assim, sobrevindo a decepção, a perda do emprego, a falência ou a morte, revoltamo-nos contra Deus. Porém, o indivíduo que, pela graça divina, reconhece a Soberania de Deus, cala suas queixas e curva-se perante a vontade divina (I Sm 3.18; Jó 1.20-22; II Co 12.7-10).

### 5. Atitude de gratidão e alegria.

Entretanto, se aprendemos verdadeiramente a bendita doutrina da Soberania de Deus, nem a obediência nem a resignação acontecem a contragosto. Muito pelo contrário, sabendo que a vontade soberana de Deus é “*boa, agradável e perfeita*” (Rm 12.2), submetemo-nos de bom grado, e dizemos como o salmista: “*Bendize, ó minha alma ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga o Seu santo nome*” (Sl 103.1). Certamente o apóstolo Paulo tinha isto em mente quando escreveu: “*Dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai...*” (Ef 5.20). É fácil dar graças a Deus quando tudo nos corre bem, segundo as nossas expectativas. Mas as Escrituras nos dizem para darmos graças “*por tudo*”, mesmo quando as circunstâncias nos parecem adversas. Deus é Soberano, mas também é Pai, sábio e amoroso. Ele faz que todas as coisas cooperem para o bem daqueles que O amam (Rm 8.28).

### 6. Atitude de adoração e culto.

Tem-se dito, com propriedade, que a verdadeira adoração estriba-se no reconhecimento da grandeza de Deus. Ora, essa grandeza se vê de maneira superlativa na Soberania de Deus. Na presença do entronizado Rei Divino, até os serafins “*cobrem o rosto*” (Is 6.1-3).

Há pouco mais de duzentos anos, a piedosa Madame Guyon, presa por dez anos em hórrida masmorra, iluminada apenas por uma vela, escreveu as seguintes palavras sobre a

## Verdadeira Liberdade

*Um passarinho sou  
tirado das campinas;  
mas na gaiola eu pouso e canto  
a quem me deu esta sina;  
sou prisioneira alegre, e quanto!  
porque, meu Deus, isto te apraz.*

*Que posso eu mais fazer?  
Eu canto sem cessar;  
e Aquele a Quem o amor eu dou,  
certo, ouve o meu cantar;  
as minhas asas Ele as atou,  
porém, se inclina a ouvir-me a voz.*

*Esta jaula me cerca;  
não vôo na amplidão;  
com meu voar assim tolhido,  
é livre o coração.  
Na prisão não me é impedido  
o vôo livre de minha alma.*

*Ah! É bom alçar-me  
a Deus, além cadeias.  
Adoro todo o Teu desígnio,  
e amo, Senhor, Tua providência.  
Em Tua vontade, Deus, diviso  
minha alegria e liberdade!*

(Os pensamentos principais desta mensagem foram extraídos e adaptados do livro  
*Deus é Soberano*, de A.W.Pink, cuja leitura recomendamos).